

RELAÇÕES ENTRE PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS PERCEBIDAS E A AUTOESTIMA, SINAIS DE DEPRESSÃO E OUSO DE SUBSTÂNCIAS POR ADOLESCENTES

Lidia Natalia Dobrianskyj Weber

Universidade Federal do Paraná, Brasil

<https://doi.org/10.17060/ijodaep.2017.n1.v2.928>

Fecha de Recepción: 15 Marzo 2017

Fecha de Admisión: 1 Abril 2017

RESUMO

Pesquisas realizadas em diferentes sociedades acerca das interações entre pais e filhos revelam, com clareza, as fortes relações entre o comportamento dos pais e o desenvolvimento global dos filhos. O presente estudo investigou, com 1.400 adolescentes, as relações existentes entre as práticas estilos educativos parentais percebidos e sinais de depressão, autoestima e comportamentos antissociais de adolescentes. Os resultados mostram que a grande maioria dos adolescentes que apresentaram sinais de depressão indicaram alta frequência de comunicação negativa da parte de seus pais, ausência de regras claras e supervisão e consideraram que o modelo parental é inadequado, uma vez que os pais não cumprem as exigências que fazem aos filhos e tem pouco envolvimento. Os jovens que obtiveram escores elevados de autoestima consideraram seus pais como bons modelos parentais, uma vez que demonstram alta frequência de envolvimento e participação na vida dos filhos. Por outro lado, aqueles adolescentes que assinalaram alta frequência de comportamentos de desobediência aos pais e de comportamentos antissociais na escola também relataram ausência de supervisão e monitoria na dinâmica familiar, bem como baixo escore de envolvimento e alto nível de comunicação parental negativa e coercitiva. Por meio dos dados, conclui-se que os estilos e as práticas educativas positivas estão relacionadas à autoestima elevada, ausência de sinais de depressão e de comportamentos opostos e/ou antissociais. Investir em intervenções preventivas que visem otimizar as práticas educativas de mães e pais é uma estratégia que pode promover melhor dinâmica familiar, autonomia e desenvolvimento psicológico de adolescentes.

Palavras-chave: estilos parentais, práticas educativas parentais, autoestima, depressão, família.

ABSTRACT

Relationships between perceived parental educational practices and self-esteem, depression signs, and substance use among adolescents

Research conducted in different societies regarding interaction between parents and children clearly reveals the strong relationships between parental behaviour and the overall development of

their children. This study involved 1400 adolescents and investigated the relationships between perceived parenting educational practices and styles and signs of adolescent depression, self-esteem and antisocial behaviour. The results show that the vast majority of adolescents with signs of depression indicated high frequency of negative communication by their parents, absence of clear rules and supervision and considered their parenting model to be inadequate, given that they do not enforce the demands they make of their children and have little involvement. Adolescents obtaining high self-esteem scores considered their parents to be good models of parenting, since the frequency of their involvement and participation in their children's lives was high. On the other hand, adolescents who indicated high frequency of disobeying their parents and antisocial behaviour at school also reported absence of supervision and monitoring in their family dynamics, as well as low scores for parental involvement and high levels of negative and coercive parental communication. Based on the data, the conclusion is reached that positive educational styles and practices are related to high self-esteem, absence of signs of depression and absence of oppositional and/or antisocial behaviours. Investing in preventive interventions aimed at optimizing the educational practices of mothers and fathers is a strategy that can foster better family dynamics and better adolescent autonomy and psychological development.

Keywords: parenting styles, parenting practices, self-esteem, depression, family.

INTRODUÇÃO

"Todas as famílias felizes se assemelham; cada família infeliz é infeliz à sua maneira" (Leo Tolstoy)

Pesquisas empíricas realizadas em diferentes sociedades revelam que as práticas educativas parentais tem um papel essencial para o desenvolvimento global e ajustamento psicológico das crianças e adolescentes. O contexto social e familiar acomoda diferentes relações, mas as práticas educativas parentais, bem como os estilos parentais, tem sido estudados como variáveis primordiais para o desenvolvimento de crianças e adolescentes (Meeus, Iedema, Maassen & Engels, 2005).

O desenvolvimento socioemocional do adolescente e suas estratégias para estar no mundo segue um *continuum* ao longo do caminho de sua socialização em fases precedentes. O comportamento do adolescente e a sua maneira de construir a autonomia estão intimamente ligados às estratégias educativas e ao clima emocional familiar propiciados pelos pais (Holden, 2010; Novak & Pelaez, 2004; Steinberg & Silk, 2002; Weber, 2011, 2014).

Estilos Parentais e Práticas Educativas

Há décadas o estudo das relações entre pais e filhos, tem recebido uma grande atenção por parte da comunidade científica. A maneira pela qual os pais educam seus filhos é fundamental na instauração e manutenção de comportamentos considerados socialmente adequados.

O modelo teórico de Baumrind (1966), sobre os tipos de controle parental, foi um marco nesses estudos que vêm sendo feitos sobre a relação entre pais e filhos. Baumrind propôs um modelo de classificação dos pais com três protótipos de controle: o controle autoritativo, o controle autoritário e controle indulgente. Pais autoritativos são considerados o melhor modelo, sendo aqueles que tentam direcionar as atividades de seus filhos de maneira racional e orientada, incentivando o diálogo e compartilhando com a criança o raciocínio e as consequências que existem na forma como ela se comporta. Os pais autoritativos solicitam as objeções da criança quando ela se recusa a concordar, e exercem firme controle nos pontos de divergência, colocando a sua perspectiva de adulto, sem restringir a criança. Estes pais também reconhecem que seus filhos possuem interesses pró-

prios e maneiras particulares, e não tem como objetivo principal que os filhos sempre lhes agradem, mas orientam suas decisões por meio do diálogo e não baseados naquilo que representa o desejo da criança. Pais autoritativos preparam seu filho para a autonomia, mas sabem viver e saborear as particularidades da infância e juventude dos filhos. Os pais autoritários, modelam, controlam e avaliam o comportamento dos seus filhos de acordo com regras de conduta estabelecidas e normalmente absolutas. Pais autoritários estimam a obediência como uma virtude e são a favor de medidas punitivas para lidar com os comportamentos da criança que consideram inadequados. Pais autoritários exigem sempre o máximo e somente pensam em como seu filho vai ser no futuro. Pais indulgentes tentam se comportar de maneira não punitiva e passiva frente aos comportamentos dos seus filhos, evitando confrontações. Estes pais apresentam-se para seus filhos como um recurso para realização de seus desejos e não como um agente responsável por moldar ou direcionar seu comportamento de forma adequada. Deixam seus filhos aproveitarem a infância e juventude e permitem escolhas individuais, mas existe superproteção em relação a dificuldades.

Maccoby e Martin (1983) fizeram uma releitura do modelo de Baumrind e dividiram o estilo indulgente em dois tipos: o indulgente e o negligente. Estes autores reorganizaram a compreensão dos protótipos anteriores em duas dimensões, a exigência e a responsividade. A exigência refere-se ao grau de monitoramento dos pais sobre o comportamento dos filhos, por meio da colocação de regras e supervisão, enquanto a responsividade refere-se à maneira em que os pais consideram os pontos de vista da criança, sendo amorosos e envolvidos em sua interação. Assim, Maccoby e Martin entenderam que é preciso um índice, uma combinação de dois tipos de dimensões para estruturar um Estilo Parental. Os pais *autoritativos* são igualmente exigentes e responsivos, assim, os filhos devem responder às regras dos pais, mas estes também aceitam a responsabilidade de acatarem os pontos de vista e razoáveis exigências dos filhos (isso permite uma importante reciprocidade na relação). Este é o modelo considerado mais adequado e seria o que Hoffman (1960) denomina de disciplina indutiva. Pais *autoritários* são muito exigentes e pouco responsivos, deste modo, as suas regras e coerções estão em desequilíbrio com a aceitação das exigências dos filhos, dos quais se esperam a inibição de seus pedidos e a plena obediência perante às suas ordens. Pais *indulgentes* são muito responsivos e pouco exigentes, envolvendo-se afetivamente com seus filhos, mas eximindo-se da monitoria e controle sobre os seus comportamentos. Pais *negligentes*, são pouco exigentes e pouco responsivos, tendendo a se esquivar das inconveniências e adversidades trazidas pelos filhos, e assim, não se envolvendo com os seus papéis de pais (Steinberg, Lamborn, Dornbusch & Darling, 1992). Assim, o modelo que define um Estilo Parental é a constelação de atitudes e falas em direção à criança que cria um “clima emocional familiar” e traz diferentes consequências ao desenvolvimento. Ao definir um estilo parental leva-se em conta em qual clima emocional as práticas parentais com objetivos de socialização se expressam (Darling & Steinberg, 1993). Lamborn, Mounts, Steinberg e Dornbusch (1991) contribuíram nos estudos sobre estilos parentais ao elaborarem um instrumento que deve ser respondido pelos filhos para classificar os estilos parentais: Escalas de Responsividade e de Exigência.

O estilo parental, práticas educativas e o desenvolvimento da criança

Vários estudos ressaltam a relevância da socialização infanto-juvenil, especialmente das práticas educativas utilizadas e do clima emocional que os pais apresentam para a família. Diversas pesquisas relacionam os estilos parentais com aspectos positivos ou negativos no desenvolvimento da criança e do adolescente (Ferreira e Marturano, 2002; Lamborn & cols., 1991; Weber et al., 2003; Weber & Ton, 2011; Weber, 2013).

Maccoby (1994, p. 590), em um texto sobre a história do papel dos pais para a socialização de

RELAÇÕES ENTRE PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS PERCEBIDAS E A AUTOESTIMA, SINAIS DE DEPRESSÃO E USO DE SUBSTÂNCIAS POR ADOLESCENTES

uma criança, sinaliza que, embora o significado de “adequado” seja variado quando se fala de comportamento de crianças e adolescentes, para que elas se tornem adultos “adequados” devem adquirir certas habilidades, hábitos, valores e motivações que os permitam: a) evitar comportamento desviante e disruptivos; b) contribuir com seu trabalho para seu sustento e de sua família; c) formar relacionamentos próximos com outros e d) também ser capaz de criar filhos. Desta forma, entender como as práticas e os estilos parentais influenciam os filhos continua sendo um tema imprescindível na atualidade. Portanto, o objetivo da presente pesquisa foi investigar as relações entre práticas e estilos parentais percebidos e comportamentos antissociais, depressão e autoestima de adolescentes.

MÉTODO

Participantes:

participaram 1.400 adolescentes de ambos os sexos, com idades entre 14 a 17 anos, de escolas públicas e privadas do Estado do Paraná, Brasil.

Instrumentos:

Escalas de Qualidade de Interação Familiar (Weber, Viezzer e Brandenburg, 2008), Inventário de Depressão para Crianças de (Kovacs, 1983, validado por Gouveia et al., 1995); Escala de Autoestima de Rosenberg (2003); Escalas de Exigência e Responsividade de Lamborn et al. (1991); questões sobre comportamentos antissociais, como mentir, agredir etc.

Procedimentos:

Após aprovação da pesquisa no Comitê de Ética e a autorização concedida pelas escolas, foi realizada a seleção da amostra, sendo a participação voluntária e anônima. Os adolescentes concordaram com a pesquisa e assinaram o Termo de Consentimento Esclarecido e Informado um documento separado dos questionários para garantir anonimato.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A presente pesquisa investigou a *percepção* dos adolescentes sobre as práticas parentais e seu autorrelato sobre manifestações de comportamentos antissociais, abuso de substâncias, autoestima e sinais de depressão.

Classes sociais distintas e sinais de depressão

A Tabela 1 mostra a diferença de indícios de depressão em adolescentes pesquisados de colégios particulares e públicos, evidenciando classes sociais distintas. Pode-se constatar, que não há diferença significativa de indícios de depressão nas duas escolas, pois o percentual é bem baixo, sendo na escola particular 3,8% e na escola pública 2,3%.

Tabela 1:
Porcentagem de indícios de depressão em adolescentes de colégios de classes sociais distintas

DEPRESSÃO EM ADOLESCENTES	ESCOLAS		
	Escola Particular	Escola Pública	Total
Sem indícios de depressão	96,2%	97,7%	100,0%
Com indícios de depressão	3,8%	2,3%	100,0%

* $\chi^2=0,956$; $p>0,05$

Estilos Parentais percebidos e Autoestima dos adolescentes

A Tabela 2 mostra a predominância entre o estilo parental percebido e o grau de autoestima dos adolescentes desta amostra.

Tabela 2:
Porcentagem de estilos Parentais (Pai e Mãe combinado) em relação à de autoestima

AUTOESTIMA DOS ADOLESCENTES	ESTILO PARENTAL PERCEBIDO				Total
	Autoritativo	Autoritário	Indulgente	Negligente	
Baixa autoestima	23,7%	19,2%	10,8%	46,2%	100,0%
Alta autoestima	47,5%	12,5%	14,7%	25,2%	100,0%

* $\chi^2=74,969$; $p<0,001$

A Tabela 2 aponta que dentre os adolescentes com autoestima elevada, a maioria percebeu seus pais como autoritativos (47,5%), enquanto o maior percentual de adolescentes classificados com baixa autoestima tinha pais negligentes (46,2%). Os pais autoritativos solicitam as objeções da criança quando ela se recusa a concordar, e exercem firme controle nos pontos de divergência, colocando a sua perspectiva de adulto, sem restringir a criança. Estes pais também reconhecem que seus filhos possuem interesses próprios e maneiras particulares, mas orientam suas decisões através de conversas explicativas e não baseados naquilo que representa o desejo da criança, favorecendo uma boa autoestima. Este resultado está de acordo com a pesquisa de Weber et al. (2003) que encontrou correlação entre o otimismo da criança e os estilos parentais percebidos. Os pais autoritativos foram associados a maiores escores de otimismo e a menores escores de passividade enquanto que os pais negligentes foram associados a maior passividade e menor otimismo. As praticas educativas relativas ao estabelecimento de limites, a comunicacao, ao ensino de responsabilidades e a expressao de afeto sao apontadas como essenciais a promocao de autoestima, autonomia e habilidades sociais nos filhos (Bolsoni-Silva et al., 2006; Martínez, García & Yubero, 2007; Weber et al., 2003). É relevante conhecer não só as praticas educativas, como também as repercussões que estas tem na vida da criança (Montandon, 2005). Estudos realizados com jovens adolescentes mostram que os filhos de pais autoritários apresentam valores medios na obediencia e na conformidade com as normas dos adultos, o que se traduz num menor nivel de problemas de comportamentos externalizantes e num bom desempenho escolar. No entanto revelam baixa autoestima e baixa autoconfianca, baixas competencias sociais e maiores niveis de disfuncao psicologica e problemas de comportamento internalizantes (Candeias, 2013).

Interessante notar que quando foi investigada a situação de risco ou proteção do adolescente em sua família (a situação de risco ou proteção é encontrada por pontos de cortes do instrumento Escalas de Qualidade na Interação Familiar (Weber et al., 2008), e sua relação com o gênero do participantes, não foi encontrada diferença estatisticamente significativa ($\chi^2=1,311$; $p>0,05$), ou seja, parece não haver grandes diferenças na educação de meninas e meninos. No entanto foi encontrada diferença estatisticamente significativa na relação da autoestima com situação de risco e de proteção dos filhos ($\chi^2=65,617^a$; $p<0,01$), sendo que aqueles participantes classificados em situação de proteção apresentam autoestima mais elevada do que aqueles jovens classificados em situação de risco familiar.

Estilos Parentais e Depressão

Da mesma maneira que foi percebida a predominância da alta autoestima de adolescentes com pais de estilo autoritativo, a Tabela 3 revela que menos adolescentes com sinais de depressão são justamente filhos de pais autoritativos.

RELAÇÕES ENTRE PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS PERCEBIDAS E A AUTOESTIMA, SINAIS DE DEPRESSÃO E USO DE SUBSTÂNCIAS POR ADOLESCENTES

*Tabela 3:
Porcentagem estilos parentais (Pai e Mãe combinado) e indícios de depressão em adolescentes*

DEPRESSÃO EM ADOLESCENTES	ESTILO PARENTAL PERCEBIDO				Total
	Autoritativo	Autoritário	Indulgente	Negligente	
Sem indícios de depressão	40,7%	15,5%	14,0%	29,8%	100,0%
Com indícios de depressão	12,5%	12,5%	2,5%	72,5%	100,0%

* $\chi^2=33,966$; $p<0,001$

Pela Tabela 3 é possível constatar que maior percentual de adolescentes com indícios de depressão têm pais negligentes (72,5%), e o menor percentual têm pais indulgentes (2,5%). Pesquisas mundiais apontam que adolescentes criados por pais muitos rígidos e pais negligentes (no sentido de não mostrarem regras nem responsividade), tendem a relatar mais frequentemente sintomas de depressão, bem como outros sintomas internalizados (Grusec & Davidov, 2007; Hoffman, 1994; McKinney, Milone & Renk, 2011; Martinez & Garcia, 2007; Muris & Merckelbach, 1998; Petit et al., 2001; Reid, Patterson & Dishion, 2002; Rothrauff et al., 2009; Stasiak, Weber & Ton, 2014; Wagner, Cohen & Brook, 1996; Wang, Chan, Lin & Li, Jia-Ru, 2015; Weber et al., 2003; Wood, McLeod, Sigman, Hwang & Cho, 2003).

Estilos Parentais e relato de mentiras

A Tabela 4 mostra a predominância entre o estilo parental percebido e a freqüência com que os adolescentes contaram mentiras, em especial aos seus pais.

*Tabela 4:
Porcentagem de estilos parentais (Pai e Mãe combinado) em relação as respostas à pergunta “No último ano você mentiu para conseguir alguma coisa de alguém ou para fugir de alguma obrigação?”*

FREQUÊNCIA DE MENTIRAS	ESTILO PARENTAL PERCEBIDO				Total
	Autoritativo	Autoritário	Indulgente	Negligente	
Nunca	51,0%	14,3%	12,9%	21,9%	100,0%
Quase nunca	47,8%	16,5%	11,1%	24,7%	100,0%
Às vezes	25,2%	17,1%	14,9%	42,8%	100,0%
Quase sempre	14,6%	13,2%	11,1%	61,1%	100,0%
Sempre	9,7%	19,4%	3,2%	67,7%	100,0%

* $\chi^2=142,528$; $p<0,001$

Pela Tabela 4 é possível constatar que maior percentual de adolescentes que afirmaram sempre mentem para conseguirem alguma coisa de alguém e fugirem de uma obrigação têm pais negligentes (67,7%). Dentre os adolescentes que nunca mentem, o maior percentual está com filhos de pais autoritativos e o menor com indulgentes. A ausência de regras e de afeto do estilo parental negligente, bem como a ausência de afeto do estilo autoritário, geralmente associados à ameaças e coerções e baixo nível de reforçamento do comportamento desejado, são cruciais para que os jovens utilizem a mentira como uma forma de esquivarem-se de tarefas.

A Tabela 5 mostra a porcentagem das respostas à pergunta “Quantas vezes você ‘bateu’ ou iniciou uma agressão física contra alguém no último ano?”, relacionadas ao estilo parental de pai e mãe combinado.

Tabela 5:

Porcentagem de estilos Parentais (Pai e Mãe combinado) em relação as respostas à pergunta "Quantas vezes você 'bateu' ou iniciou uma agressão física contra alguém no último ano?"

AGRESSÃO FÍSICA	ESTILO PARENTAL PERCEBIDO				
	Autoritativo	Autoritário	Indulgente	Negligente	Total
Uma vez por dia	23,8%	19,0%	7,1%	50,0%	100,0%
Uma vez por semana	25,0%	22,5%	5,0%	47,5%	100,0%
Uma vez por mês	20,0%	20,0%	12,0%	48,0%	100,0%
Algumas vezes por ano	31,6%	14,6%	13,4%	40,4%	100,0%
Nunca	39,8%	15,8%	12,9%	31,4%	100,0%

* $\chi^2=32,053^a$; $p<0,05$

A Tabela 5, indica que entre os adolescentes que apresentaram comportamentos de agressão física contra outros "uma vez por dia", encontram-se os filhos de pais negligentes (50,0%) e entre os que responderam "nunca", ou seja, não praticam a agressão física, a maior porcentagem é de filhos com pais autoritativos (39,8%). Maior uso de punições pelos pais com estilo negligente, associado à falta de regras e monitoria mostram modelos inadequados aos filhos para se resolver problemas.

Estilos parentais e uso de álcool e outras substâncias

O cômputo dos resultados da pesquisa, referentes à relação traçada entre estilos e práticas parentais combinados (pai e mãe) com uso de drogas (de acordo com o tipo) no último ano, podem ser observados na Tabela 6. Nota-se que a maior porcentagem dos adolescentes que responderam "Não utilizei", em relação a utilização de algum tipo de droga no último ano, têm pais autoritativos (38,0%). Dentre os que nunca utilizaram drogas, o menor percentual está com aqueles que têm pais indulgentes (12,7%). Os presentes resultados condizem com a pesquisa de Cohen e Rice (1997) que encontraram maior risco de abuso de substâncias por filhos de pais indulgentes.

Tabela 6:

Porcentagem de estilos Parentais (Pai e Mãe combinado) em relação as respostas à pergunta "Se você consumiu drogas no último ano, quais os tipos que você utilizou?"

TIPOS DE DROGAS	ESTILO PARENTAL PERCEBIDO				
	Autoritativo	Autoritário	Indulgente	Negligente	Total
Maconha	16,9%	6,2%	7,7%	69,2%	100,0%
Crack, cocaína ou merla	8,3%	8,3%	0,0%	83,3%	100,0%
Heroína	28,6%	0,0%	0,0%	71,4%	100,0%
Solvente (éter, tiner, benzina, acetona)	0,0%	13,3%	26,7%	60,0%	100,0%
Lança perfume	18,8%	6,3%	25,0%	50,0%	100,0%
Outras drogas	15,0%	10,0%	10,0%	65,0%	100,0%
Não utilizei	38,0%	17,1%	12,7%	32,2%	100,0%

* $\chi^2=78,082^a$; $p<0,01$

RELAÇÕES ENTRE PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS PERCEBIDAS E A AUTOESTIMA, SINAIS DE DEPRESSÃO E USO DE SUBSTÂNCIAS POR ADOLESCENTES

A Tabela 7 mostra a relação entre o abuso de drogas e os sinais de depressão dos adolescentes.

Tabela 7:

Porcentagem de respostas à pergunta "Se você consumiu drogas (maconha, cocaína, crack etc.) no último ano, quantas vezes você fez isso (marque apenas uma alternativa)?" e depressão em adolescentes

USO DE DROGAS	Sem indícios de depressão	Com indícios de depressão
Pelo menos uma vez por dia	0,2%	4,7%
Pelo menos uma ou duas vezes por semana	1,0%	9,4%
Pelo menos uma ou duas vezes por mês	1,7%	7,0%
Algumas vezes por ano	4,8%	9,3%
Não utilizei	92,3%	69,8%
Total	100,0%	100,0%

* $\chi^2=58,836^a$; $p<0,001$

Nota-se, pela Tabela 7, que daqueles que não tem sinais de depressão 92,3% nunca usaram drogas no último ano, enquanto que dos que tem sinais de depressão, 30,4% afirmaram que usaram substâncias ilícitas. Sinais de depressão e uso de substâncias estão relacionadas com estilo parental negligente, baixo uso de regras e baixa responsividade dos pais. Pesquisas recentes (Eiden et al., 2016; Wang, Dishion, Stormshak & Willett, 2011) ressaltam a da sensibilidade e responsividade parental, bem como da monitoria, como fatores de proteção para comportamentos exteriorizados, uso de álcool, e drogas. Parece que o afeto presente, bem como as regras claras e consistentes, facilitam a comunicação entre pais e filhos diminuindo a probabilidade de comportamentos antisociais. O poder desse estilo autoritativo, claro e amorosos traz benefícios enormes aos filhos (Steinberg, 2014).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados obtidos por meio da percepção de adolescentes o comportamento de seus pais, ressaltam claramente a relação das práticas educativas utilizadas pelos pais, as dimensões responsividade e exigência parental e diferentes comportamentos dos jovens. Foram verificadas relações entre as práticas e os estilos educativos parentais e o comportamento antissocial, uso de substâncias, depressão e autoestima de adolescentes. Os dados ressaltam que o clima familiar afetivo, com muita responsividade está no centro das condições que protegem os filhos de riscos e favorecem o desenvolvimento global saudável. Quanto mais positivas as práticas educativas dos pais, melhor a autoestima dos filhos. Esta prática compreende o envolvimento a participação dos pais na vida dos filhos. Um exemplo que ilustra envolvimento parental é a demonstração de amor por meio de carinhos ou verbalizações de conotação positiva. Pais envolvidos apóiam seus filhos, se mostram sensíveis às suas opiniões e estão presentes no seu cotidiano (Alvarenga, Weber & Bolsoni-Silva, 2016; Weber & cols., 2008).

No que se refere aos sinais de depressão, os resultados indicam que os sintomas depressivos acometem igualmente diferentes classes sociais, o que traz implicações para propostas de prevenção e intervenção, que devem ser dirigidas a diferentes populações. Por meio das relações feitas entre depressão e práticas parentais, concluiu-se que a falta de regras e monitoria é um fator de risco importante para sinais de depressão e outros comportamentos disruptivos dos filhos, tais como consumo de drogas ilícitas.

De acordo com os resultados obtidos neste estudo, conclui-se que as práticas educativas paren-

tais sao cruciais para o desenvolvimento dos jovens adultos. Importante ressaltar que se trabalhou com a percepção dos adolescentes sobre o comportamento dos pais e não uma medida direta (que seria também impraticável). Ressalta-se que as praticas educativas dos pais sobre os filhos nao são descritas como absolutas, pois existem diferentes contextos e situacoes em que as famílias estão inseridas, porém, as relações estatisticamente significativas mostram qual o caminho para um melhor desenvolvimento global (Montandon, 2005).

Não se pode deixar de ressaltar que os processos de interações pais e filhos são sempre recíprocos e bidirecionais. Os pais afetam o comportamento dos seus filhos e, por sua vez, o comportamento dos filhos retroage e afeta o comportamento de seus pais. Em uma época complexa como a atual, a educação dos filhos tornou-se tarefa essencial e, portanto, é mister que a comunidade acadêmica construa modelos e estratégias que possam ser utilizadas como prevenção e capacitação para pais.

REFERÊNCIAS

- Alvarenga, P., Weber, L.N.D., & Bolsoni-Silva, A.T. (2016). Cuidados parentais e desenvolvimento socioemocional na infância e na adolescência: uma perspectiva analítico-comportamental. *Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva*, 18(1), 4-21.
- Baumrind, D. (1966). Effects of authoritative control on child behavior. *Child Development*, 37, 887-907.
- Bolsoni-Silva, A.T., Salina-Brandão, A., Versuti-Stoque, F.M., & Rosin-Pinmola, A.R. (2008). Avaliação de um programa de intervenção de habilidades sociais educativas parentais: um estudo-piloto. *Psicologia, Ciencia e Profissao*, 28(1), 18-33.
- Wang, Y.C.L., Chan, H.Y., Lin, C.C.W., & Li, J.R. (2015). Association of parental warmth and harsh discipline with developmental trajectories of depressive symptoms among adolescents in Chinese society. *Journal of Family Psychology*, 29(6), 895-90.
- Candeias, M.J.C. (2013). *Relacao entre os estilos parentais e os problemas do comportamento nas crianças. Efeito moderador do clima escolar*. Instituto Universitario de Lisboa.
- Cohen, D.A. & Rice, J. (1997). Parenting styles, adolescent substance use, and academic achievement. *Journal of Drug Education*, 27(2), 199-211.
- Darling, N. & Steinberg, L. (1993). Parenting style as context: An integrative model. *Psychological Bulletin*, 113, 487-496.
- Eiden, R.D., Lessard, J., Colder, C.R., Livingston, J., Casey, M., & Leonard, K.E. (2016). Developmental cascade model for adolescent substance use from infancy to late adolescence. *Developmental Psychology*, 52(10), 1619-1633.
- Gouveia, V.V., Barbosa, G. A., Almeida, H. J. F. & Gaião, A. A. (1995). Inventário de Depressão Infantil - CDI: Estudo de adaptação com escolares de João Pessoa. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, 44, 345-349.
- Gruesc, J.E., & Davidov, M. (2007). *Socialization in the family*. In J.E. Grusec & P.D. Hastings (Orgs.), *Handbook of socialization: theory and research* (pp. 284-308). New York: The Guilford Press.
- Hoffman, M. L. (1960). Power assertion by the parent and its impact on the child. *Child Development*, 3(1), 129-143.
- Holden, G. W. (2010). *Parenting: A dynamic perspective*. Thousand Oaks, CA: Sage.
- Kovacs, M. (1983). *The Children's Depression Inventory: A self-rated depression scale for school-aged youngsters*. University of Pittsburg.
- Lamborn, S.D., Mounts, N.S., Steinberg, L. & Dornbusch, S.M. (1991). Patterns of competence and adjustment among adolescents from authoritative, authoritarian, indulgent, and neglectful fam-

RELAÇÕES ENTRE PRÁTICAS EDUCATIVAS PARENTAIS PERCEBIDAS E A AUTOESTIMA, SINAIS DE DEPRESSÃO E USO DE SUBSTÂNCIAS POR ADOLESCENTES

- ilies. *Child Development*, 62, 1049-1065.
- Maccoby, E. (1994). The role of parents in the socialization of children: an historical overview. In R.D. Parke, P.A. Ornstein, J.J. Rieser & C.Zahn-Waxler (Orgs.), *Century of Developmental Psychology* (pp. 589-616). Washington: American Psychological Association.
- Maccoby, E. & Martin, J. (1983). Socialization in the context of the family: Parent-child interaction. In E.M. Hetherington (Org.), *Handbook of child psychology v. 4* (pp. 1-110). New York: Wiley.
- Martínez, I., García, J.F. & Yubero, S. (2007). Parenting styles and adolescents' self-esteem in Brazil. *Psychological Report*, 100(3 Pt 1), 731-45.
- Martinez,I., & Garcia, J. (2007). Impact of Parenting Styles on Adolescents' Self-Esteem and Internalization of Values in Spain. *The Spanish Journal of Psychology*, 10(2), 338-348.
- McKinney, C., Milone, M.C. & Renk, K. (2011). Parenting and late adolescent emotional adjustment: mediating effects of discipline and gender. *Child Psychiatry & Human Development*, 42, 463-481.
- Meeus, W., Iedema, J., Maassen, G. & Engels, R. (2005). Separation-individuation revisited: On the interplay of parent-adolescent relations, identity and emotional adjustment in adolescence. *Journal of Adolescence*, 28, 89-106.
- Montandon, C. (2005). As praticas educativas parentais e a experiencia das criancas. *Educacao Social*, 26(91), 485-507.
- Muris, P. & Merckelbach, H. (1998). Perceived parental rearing behaviour and anxiety disorders symptoms in normal children. *Personality an Individual Differences*, 25, 1199-1206.
- Novak G, Pelaez M. (2004). *Child and adolescent development: A behavioral systems approach*. Thousand Oaks: Sage.
- Reid, J.B., Patterson, G.R. & Snyder, J. (2002). *Antisocial Behavior in Children and Adolescent*. Washington: American Psychological Association.
- Rothrauff, T.C, Cooney, T.M, & An, J.S. (2009). Remembered parenting styles and adjustment in middle and late adulthood. *Journal of Gerontology Social Sciences*, 64(1), 137-46.
- Stasiak, G., Weber, L.N.D., Ton, C.T (2014). Qualidade na interação familiar e suas relações com o autoconceito, habilidades sociais e problemas de comportamento dos filhos. *Psic*, 45, 494-501.
- Steinberg, L, Lamborn, S.D, Dornbusch, S.M, & Darling, N. (1992). Impact of parenting practices on adolescent achievement: authoritative parenting, school involvement, and encouragement to succeed. *Child Development*, 63(5), 1266-8.
- Steinberg, L. (2014). *Age of opportunity*. New York: Houghton Publishing Company.
- Steinberg, L. & Silk, (2002). Parenting adolescents. In M. Bornstein (Org.), *Handbook of parenting, Vol 1 Children and parenting* (pp. 103-134). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Wagner, B.M., Cohen, P. & Brook, J. (1996). Parent-adolescent relationships: moderators of the effects of stressful life events. *Journal of Adolescent Research*, 11, 347-374.
- Wang, M.T., Dishion, T.L., Stormshak, E.A., & Willett, J.B. (2011). Trajectories of family management practices and early adolescent behavioral outcomes. *Developmental Psychology*, 47(5), 1324-1341.
- Weber, L N.D., Stasiak, G. R. & Brandenburg, O.J. (2003). Percepção da interação familiar e auto-estima de adolescentes. *Aletheia*, 17/18, 95-105.
- Weber, L.N.D. (2011). *Eduque con cariño: equilibrio entre el amor y los límites*. Lisboa: Editorial Juruá.
- Weber, L.N.D. (2013). Estilos e práticas parentais e sinais de depressão em adolescentes brasileiros. *International Journal of Developmental and Educational Psychology/INFAD*, 1, 217-226.
- Weber, L.N.D. (2014). Disciplina coercitiva: relato de estudantes universitários brasileiros.

- International Journal of Developmental and Educational Psychology/INFAD*, 26, 467-474.
- Weber, L.N.D. & Ton, C.T. (2011). Práticas educativas parentais: fatores de risco e de proteção ao desenvolvimento dos filhos. In L. Weber (Org.), *Família e Desenvolvimento Humano* (pp.80-101), Curitiba: Juruá.
- Weber, L.N.D. & Viezzer, A.P. (2011). A relação entre as práticas educativas e estilos parentais com o desenvolvimento de crianças e adolescentes. In L.Weber (Org.), *Família e Desenvolvimento Humano* (pp.59-79). Curitiba: Juruá.
- Weber, L.N.D., Brandenburg, O.J., & Viezzer, A.P. (2003). A relação entre o estilo parental e o otimismo da criança. *Psico-USF*, 8(1), 71-79.
- Wood, J.J., McLeod, B.D., Sigman, M., Hwang, W.C., & Cho, B.C. (2003). Parenting and childhood anxiety: Theory, empirical findings and future directions. *Journal of Childhood Psychology and Psychiatry*, 44(1), 135.

